



# Automóvel

## Descarbonizar através de uma mobilidade mais inteligente

Os desafios económicos, sociais e tecnológicos da transição energética foram tema de debate numa altura em que a indústria automóvel entrou num processo irreversível para fazer a sua parte para atingir as metas da descarbonização

Elisabete Silva

As metas da descarbonização estão definidas, mas há muito a fazer para que sejam cumpridas.

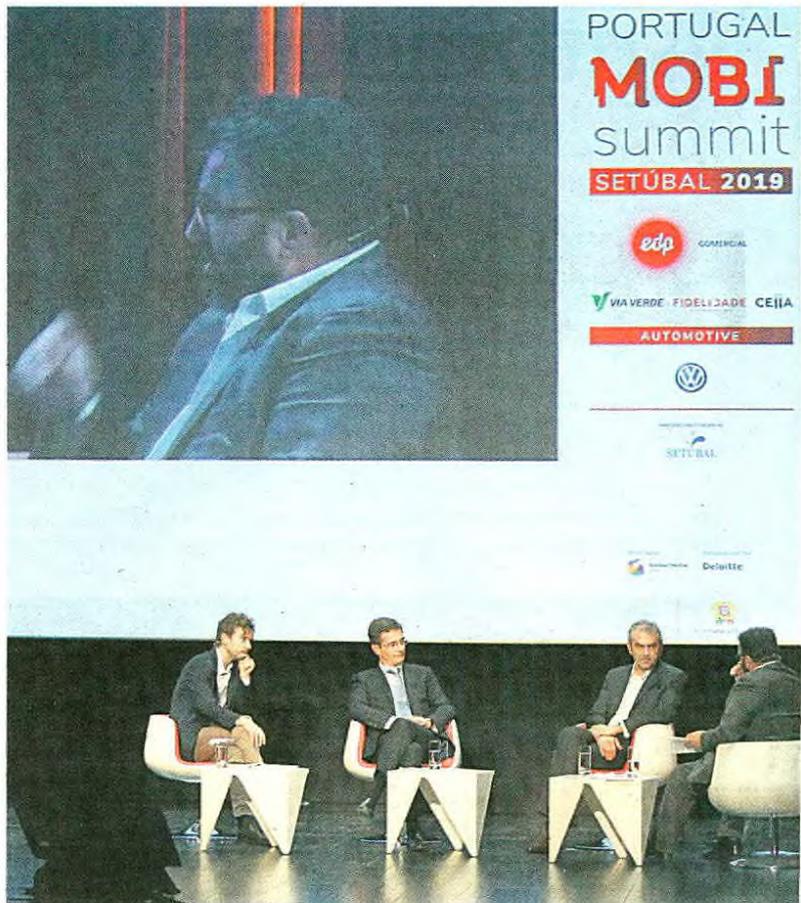
Os esforços vão bem mais além do que trocar carros a combustão por elétricos. A reestruturação das cidades e a mudança de mentalidades são a chave para atingir a meta da pegada zero de emissões de carbono. Setúbal quer fazer a sua parte e tem um roteiro para uma “nova e inteligente mobilidade”, precisamente o tema da segunda sessão warm up do Portugal Mobi Summit, centrada na indústria automóvel, que se realizou, nesta semana, na cidade sadina.

“Vivemos tempos de decisões inadiáveis. Um desafio para uma geração, que tem 12 anos para travar a tendência do aquecimento global”. O mote foi lançado por Afonso Camões, administrador-executivo do Global Media Group, que organiza o evento com a EDP, em parceria com a Via Verde, a Fidelidade e o CEiiA. A cidade de Setúbal tem uma forte herança ligada à indústria automóvel, como lembrou a presidente da Câmara Municipal, Maria das Dores Meira, com natural destaque para uma das mais importantes fábricas do país, não muito longe da cidade: a Autoeuropa.

Apesar desta ligação, é necessário apostar noutras formas de transporte além do au-

tomóvel particular, com a autarca a assegurar que não está contra os carros, mas, “somos uma urbe moderna que se está a adaptar a estes tempos”. Maria das Dores Meira apontou a melhoria da oferta cultural, nos últimos anos, a recuperação do rio e o crescimento no turismo. “Isto enquanto apostávamos em novas estratégias de mobilidade”, disse. O investimento já feito na rede rodoviária passou não só por facilitar a circulação automóvel, mas também por beneficiar quem anda a pé. A construção de ciclovias faz parte da aposta em criar condições para a utilização dos transportes suaves, permitindo que Setúbal reduza a emissão de gases poluentes. Neste aspeto, o objetivo do Plano de Mobilidade e Transportes da cidade passa por sensibili-

Vivemos um tempo de decisões inadiáveis. É um desafio para uma geração que tem 12 anos para travar o aquecimento global.

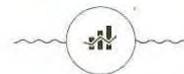


zar as gerações mais novas para este novo tipo de mobilidade.

### DESAFIOS DA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA

Os desafios económicos, sociais e tecnológicos da transição energética são variados e complexos, sendo, por isso mesmo, o tema de um dos painéis de debate da Automotive Sessions. Licínio Almeida, diretor-geral da Volkswagen Portugal, começou logo por dizer que “há uma certa hipocrisia em massacrar o setor automóvel”. O responsável referiu como os automóveis são responsáveis por cerca de 12% a 14% das emissões de dióxido de carbono, referindo que há setores mais poluentes, como o marítimo, o aéreo ou mesmo o da agropecuária. Porém, enfatizou a transformação em curso na indústria automóvel, em busca de mais soluções para reduzir a emissão de gases.

Licínio Almeida assegurou que esta indústria está a realizar um grande esforço financeiro precisamente por ser sensível à necessidade de descarbonização. Os veículos híbridos e elétricos são apostas a reforçar, incluindo na própria marca alemã. Para o responsável, o “processo é irreversível” na forma de pensar a indústria automóvel. Apontou ainda a importância de a produção de carros elétricos ser feita com recurso a energia 100% verde, com o administrador da EDP Comercial António Coutinho a salien-



# 12%

Os automóveis são responsáveis por 12% a 14% das emissões totais de dióxido de carbono, menos do que o setor marítimo, o aéreo ou o agropecuário.



O automóvel tem sido o principal alvo do combate ambiental, mas há outros setores "muito mais poluentes" que precisam de ser integrados neste esforço, avisam os empresários

FILIPA FERREIRO/ GLOBAL IMAGES

# Só com a energia de todos se corta a meta do carbono zero

Ministro põe o foco em "todos e em cada um de nós" para atingir um novo modelo económico em que nada se desperdiça no uso racional dos recursos

Um país que foi o primeiro a dizer ao mundo que seria neutro em carbono em 2050 terá sempre de olhar para o que foi feito nas últimas duas décadas para saber que a meta não é inatingível. A rede de abastecimento de água – que de 50% cresceu para 98,9% –, o tratamento de efluentes, que permitiu passar de 65 para 352 bandeiras azuis nas praias, é o caminho já feito que o ministro do Ambiente e da Transição Energética apontou no encerramento da segunda sessão do Portugal Mobi Summit, em Setúbal.

O percurso serve para mostrar que a rota da descarbonização está ao nosso alcance e conta ainda com o trunfo acrescido de "vivermos num território onde há sol, mar e vento em abundância suficiente para o país ser energeticamente independente", lembrou José Pedro Matos Fernandes. Mas quando se põe o automóvel no centro desta transformação, o desafio ganha uma dimensão muito mais complexa do que construir e alargar infraestruturas de saneamento básico.

O esforço envolverá todos os setores – construtores, vendedores, compradores – e a mudança pode até acelerar com o impulso da tecnologia: "Mas só resultará se houver um compromisso de todos e de cada um de nós para essa necessidade imperiosa de mudar o comportamento." Este é o ponto onde tudo se consegue ou tudo desaba, havendo um longo trajeto para transformar as cidades até agora construídas para o automóvel ser rei: "Ficamos escandalizados com uma trotineta atirada na via pública, mas achamos normal um carro em cima do passeio".

É um sintoma da importância do automóvel nos nossos modos de vida. E da necessidade de mudar a relação que ainda se tem perante o transporte individual: "Não temos de ser nós os donos deles nem têm de ser eles movidos a combustível." Os fabricantes já estão atentos a essa necessidade – diz o ministro –, assumindo a função de não só vender carros, mas também de colocá-los no mercado apenas para prestar um serviço. Ao consumidor cabe agora o papel de, em vez de adquirir um produto, adquirir um serviço: "Acredito que é esse o futuro enquanto modelo de negócio de utilização do automóvel".

E a possibilidade de ter outros modos de transporte individual também deve se-



FILIPA FERREIRO/ GLOBAL IMAGES

↑ **O esforço para reduzir as emissões de dióxido de carbono vai envolver todos os setores, diz o ministro do Ambiente e da Transição Energética. Mas mudar as mentalidades e os comportamentos serão os grandes desafios.**

guir esta perspetiva de economia circular: "Porque é que eu, com os meus 85 quilos bem pesados, preciso de um veículo de 900 quilos, quando posso optar por um de 25 quilos?" Esta é a mudança que tem de acontecer não só por força dos mercados, mas também porque os consumidores vão exigir cada vez mais veículos com menos materiais, automóveis com uma pegada carbónica "insuportavelmente menor" e motores com o mínimo de consumo possível: "É aqui que as construtoras estão a dar o exemplo, não só ao se comprometerem com metas de redução de emissões como com um leque alargado de veículos movidos a eletricidade ou a hidrogénio".

Os obstáculos ainda são muitos e, nos últimos tempos, os sinais não são muito otimistas, avisa o ministro do Ambiente, lembrando que o presidente Trump rompeu o acordo de Paris e que eleição de Bolsonaro no Brasil pode comprometer este equilíbrio: "Diria que a boa notícia são mesmo as manifestações dos jovens e o seu maior compromisso com as questões ambientais".

A expectativa agora é que estejam dispostos não só a mudar o mundo, mas o seu próprio comportamento. A meta, essa, é chegar a um modelo económico em que não sobra nada no uso racional dos recursos: "Este é o desafio que lanço a mim próprio e este é o desafio que lanço a todos".

↑ **O setor automóvel tem dado "bons exemplos". O consumidor tem agora de tomar a melhor decisão.**

tar precisamente como o setor elétrico tem de responder ao sistema de carregamento com esse tipo de energia. "Só conseguimos a descarbonização se eletrificarmos", frisou. Tecnologias já existem, mas claro que há mais a desenvolver. No entanto, para o administrador, a "tecnologia é apenas uma parte da solução", pois salientou a necessidade de esta ser economicamente viável e de poder assim chegar ao utilizador. António Coutinho falou ainda da necessidade de novos modelos de negócio, não esquecendo a importância de, na Europa, se investir muito mais na eletrificação dos transportes públicos.

Esta é mais uma mudança essencial para a descarbonização. Frederico Custódio, diretor de inteligência, prospeção e investigação explorativa do CEiiA, alertou para o facto de em Portugal morrerem cerca de seis mil pessoas devido à poluição. "Esse esforço tem de ser distribuído por todos os meios de transporte", realçou, sublinhando que é necessário dar consciência e ferramentas às pessoas para que possam entender as emissões que estão a gerar. "A mobilidade centrada no veículo próprio não é possível", afirmou aquele responsável, tendo em conta que em 2050 cerca de 70% da população estará a viver nas cidades. "Para existir uma mobilidade 100% elétrica há que repensar as cidades, e privilegiar outros transportes além do carro particular é essencial".